

(Tradução Provisória)

Discurso do Sr. Taro Aso, Ministro dos Negócios Estrangeiros
Reflexão sobre o Significado da América Latina e Caribe para o Japão
- Momento de Criar uma Parceria para uma Nova Era.
(06 de julho de 2007, em Keidanren)

Sou Taro Aso, Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Gostaria de agradecer profundamente a Nippon Keidanren pela cooperação contínua oferecida para o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Gostaria de agradecer também pela oportunidade tão preciosa como esta e pela presença de tantas pessoas, apesar de estarem muito ocupadas, a começar pelo Sr. Fujio Mitarai, Presidente da Nippon Keidanren e o Sr. Mikio Sasaki, Presidente do Comitê sobre América Latina e Caribe desta entidade.

Gostaria de ir à América Latina e Caribe

Em primeiro lugar, vou explicar o motivo que me levou para falar hoje sobre a América Latina e Caribe.

Estou pensando em viajar para o Brasil e o México no verão deste ano. Especialmente, no caso do Brasil, tenho vontade de participar da III Reunião Ministerial do Fórum de Cooperação América Latina-Leste da Ásia(FOCALAL).

Resolvi aproveitar esta ocasião para fazer uma análise mais profunda sobre o significado da América Latina e Caribe para o Japão.

Primeiro, gostaria de dizer que, entre vários lugares existentes no mundo, a América Latina e Caribe são lugares extremamente interessantes. Há duas razões que nos levam a pensar que a América Latina e Caribe é um lugares estimulantes.

A primeira delas é o fato de que a América Latina e Caribe atravessam agora um período de grande mudança histórica. A segunda é que não há outra região no mundo como a América Latina e Caribe onde o governo

e o setor privado do nosso país têm acumulado ao longo dos tempos uma espécie de "patrimônio latente".

Sob essa premissa, (se fizemos uma comparação com beisebol) as bolas que a nossa diplomacia está lançando para a América Latina e Caribe são diretas.

Nesse sentido, a primeira consiste no fortalecimento das relações econômicas. A segunda consiste em apoiar os esforços dos países da América Latina e Caribe para aumentar a justiça e a igualdade social, consideradas como prioridades na região. A terceira é empreender em conjunto a maior gama de atividades no âmbito internacional, uma vez que a América Latina e Caribe é a região onde o Japão conta com o apoio de muitos países desde a assinatura do Tratado de Paz de San Francisco. São essas três diretrizes.

Através dessas três diretrizes, desejamos construir uma relação de parceria baseada na confinação entre o Japão e a América Latina e Caribe. Creio que esta será a conclusão que chegaremos hoje.

O Japão de pós-guerra e o Brasil que "era próximo"

Quando acabei de começar a trabalhar como administrador de empresa, a empresa da minha família instalou-se no Brasil para ampliar o leque de atividades. Eu, como responsável, fiquei hospedado durante um longo período num hotel de São Paulo.

Naqueles tempos, a partir do fim da década de 50 e toda a década de 60, estavam em moda no Japão o mambo, rumba, tango e cha-cha-cha. Isso não foi uma coincidência. A América Latina e Caribe, especialmente o Brasil, eram vistos como mais próximos ao Japão do que hoje em dia.

A economia asiática daquela época não tinha começado ainda sua decolagem. Por falar em indenizações por causa da guerra que o nosso país devia, a indenização para a Indonésia foi concluída em 1970, e a para Filipinas foi em 1976. As empresas japonesas, todavia, ainda sentiam um certo incômodo para realizar suas atividades de forma livre e aberta na Ásia.

Por outro lado, no Brasil, onde existia um grande número de pessoas

de origem japonesa (nikkei), a imagem do Japão não era nada negativa. Naquela época, as pessoas como Herman Kahn pregavam uma teoria muito otimista sobre o Brasil. Herman Kahn era um futurólogo americano que previu a ascensão do Japão e da Índia.

Por volta de 1960, sob esse cenário, foram realizados para o Brasil vários "Projetos Nacionais". Isto é a denominação daquela época. Os projetos de investimento internacional de grande porte com a aprovação do Conselhos de Ministros do Japão eram chamados assim.

Inclusive a minha empresa foi ao Brasil a reboque de grandes empresas siderúrgicas e têxteis. Entretanto, no final das contas, até o fim da década de 70, teve que repatriar-se como a maioria das empresas.

Desde então, acho que durante pouco mais de um quarto de século, o Japão e o Brasil, o Japão e a América Latina e Caribe viveram um período extremamente distante um ao outro. Eles, após passarem pela hiperinflação de mais de 1.000% ao ano, e pela crise da dívida externa, na década de 80, tiveram que enfrentar a dura reforma macroeconômica. Quanto a nós, por causa da "década perdida" da década de 90, não foi possível dar a atenção devida à América Latina e Caribe.

Mas, agora, podemos afirmar que os dois lados superaram quase todos os problemas. Para o nosso país, finalmente, chegou a hora de reatar os laços com a América Latina.

A propósito, a força da nossa diplomacia reflete primeiramente no outro lado do mundo. No meu entendimento, a forma como vai ser desenvolvida a diplomacia do Japão na América Latina e Caribe constitui um indicador sensível que mede a capacidade da nossa diplomacia.

América Latina e Caribe equivalem-se à China ou a duas Índias

De qualquer maneira, ficarei perplexo se os senhores pensarem que somente a China e a Índia estejam crescendo no mundo.

Os países da América Latina e Caribe, nos últimos anos, finalmente, conseguiram melhorar suas finanças públicas, e combater a inflação. Com o aumento de preços no mercado de produtos básicos, o Balanço de Pagamentos está melhorando também de forma dramática. Todos esses

sucessos aconteceram pela primeira vez na história.

Se observamos o tamanho de PIB, notamos que a Coreia do Sul, a Rússia, a Índia e toda a região da ASEAN se encontram quase na mesma linha, oscilando entre 800 bilhões a 900 bilhões de dólares.

Porém, tanto o México como o Brasil estão numa posição muito próxima a esses países. Em outras palavras, na América Latina e Caribe, tem duas Índias, ou tem duas ASEAN. A América Latina e Caribe como um todo equivale-se ao tamanho da economia chinesa.

Em primeiro lugar, a América Latina e Caribe contam com recursos naturais abundantes, e o consumo deverá aumentar daqui para frente. Além disso, usufrui uma vantagem geográfica de acesso para a Europa e a América do Norte. Para o Japão, a América Latina e Caribe são de suma importância como a fonte de abastecimento de matérias-primas, mercado de consumo, e base para a produção. Creio que os senhores devem estar sentindo um grande interesse sobre a América Latina e Caribe.

A minha intenção é impulsionar o Ministério dos Negócios Estrangeiros no sentido de apoiar as atividades dos senhores. Na hora de realizar cooperação econômica, o nosso desejo é fazê-la no sentido de fortalecer as relações entre o Japão e a América Latina e Caribe.

Posteriormente voltarei tocar nesse assunto, mas a América Latina e Caribe conseguiram se democratizar em grande parte. Os dirigentes eleitos com respaldo popular, geralmente, são levados a preocupar-se em primeiro lugar com o problema da desigualdade social e a política de distribuição de renda.

Os países da América Latina e Caribe, que começaram a encarar esta nova situação, tendem a se preocupar com as atividades econômicas de empresas privadas. Como a negociação com os governos desses países ganha importância na instalação de empresas japonesas, tenho que fazer com que o Ministério dos Negócios Estrangeiros trabalhe muito.

Como é do conhecimento de todos, atualmente, o nosso país assinou o Acordo de Parceria Econômica (EPA) com o México e o Chile. Sem dúvida, isso foi graças ao apoio de todos os senhores.

A respeito disso, já passaram 3 anos desde a assinatura do acordo com o México, em setembro de 2004, e ele tem dado grandes resultados.

Se compararmos o resultado de 2006 com o número de 2004, a exportação japonesa para o México aumentou de 592,2 bilhões de ienes para 1 trilhão e 134,1 bilhões de ienes, um aumento tremendo de 91,5%. O total do comércio, somando importações, teve um aumento significativo de 76,3%.

O investimento direto do Japão para o México teve um aumento excepcional de 2,6 vezes a mais. As fabricantes japonesas de eletrodomésticos concentraram-se no México, e estão exportando aos EUA 10 milhões de TV LCD e TV de plasma.

Por outro lado, o Chile é um país destacado que teve sucesso na liberalização da economia e na democratização política. É a fonte de abastecimento de importantes recursos naturais como cobre e molibdênio.

O Acordo de Parceria Econômica (EPA) com o Chile foi assinado em março deste ano durante a visita do Ministro das Relações Exteriores Foxley ao Japão.

Hoje, contamos com a presença do Sr. Mikio Sasaki, Presidente do Comitê Econômico Japão-Chile. Graças ao seu apoio, o Japão conseguiu assinar o EPA com o Chile, que é importante país para o Japão, especialmente em garantir os recursos naturais, e estabelecer uma plataforma para estender atividades econômicas em outros mercados sul-americanos. Gostaria de apresentar-lhe meu agradecimento especial.

Uma Época em que se pode falar em "Benefícios Mútuos"

O desenvolvimento da América Latina e Caribe tem algo que nos encoraja muito.

Na década de 80, todos os regimes militares dos países da América Latina e Caribe transformaram-se quase de forma uniforme em democracia. Como o resultado disso, hoje, muitos governos estão esforçando para compatibilizar a consolidação de uma política que reflete a vontade popular, com a promoção de desenvolvimento econômico sustentável sob a economia de mercado, criando desse modo um

ambiente propício para ambos. Exatamente, isso é um fator que nos encoraja muito. De modo que faz nos sentir que estamos assistindo um grande espetáculo do século.

A vontade popular é que define o futuro na grande maioria dos países. Tenho ouvido de que a corrupção no sistema burocrático vem diminuindo bastante em comparação com o passado.

Também não sou tão ingênuo a tal ponto de não reconhecer que existem ainda problemas históricos como a desigualdade na distribuição de riqueza por causa do sistema latifundiário, mas, na época que esses países estavam sob regime militar ou na situação de guerra civil, o Japão, por mais que queria estender a mão, o que poderia ter feito em termo de assistência era limitado.

Somente nos últimos 20 anos que o Japão passou a poder estender a mão livremente para os países que a necessitam, como no caso da Bolívia e dos países da América Central.

Por falar em Bolívia, o seu presidente chama-se Juan Evo Morales Ayma. É o primeiro mandatário de origem indígena naquele país. Conta com pouco mais de 40 anos. Na sua trajetória, teve sua ascensão a partir do cargo de secretário de uma cooperativa agrícola. Havia inclusive a fama de ser uma pessoa com tendência radical.

Ao convidá-lo ao Japão em março deste ano, e conhecê-lo, pude notar que se trata de uma pessoa que tem uma forte paixão. Ele me disse que desejava melhorar seu país, que é considerado como um dos mais pobres da América Latina e Caribe. Atualmente, assim podemos dizer para esses líderes: "Força! O Japão vai apoiá-lo".

Considero que devemos celebrar esse fato. À medida que aprofundamos esses laços, abrirão-se novos rumos que permitam que o crescimento econômico da América Latina e Caribe influe na revitalização do nosso país.

Possivelmente, muitos dos senhores devem ter ouvido muitos comentários positivos de que o Brasil está se tornando uma potência em matéria de biocombustível. Podemos dizer que, finalmente, chegou o momento propício para que o Japão e a América Latina e Caribe

produzam os "benefícios mútuos".

Além disso, a base para isso já está pronta há muito tempo. Isso é o resultado de esforços incansáveis e contínuos por parte de inúmeros japoneses e seus descendentes anônimos. Não posso deixar de tocar nesse assunto.

A Matemática de Honduras e as "Cem Sacas de Arroz"

Quando eu estava escrevendo este discurso, havia algo que me tem causado uma grande admiração.

Creio que a maioria dos senhores devem ter ouvido pela primeira vez que o nosso país, durante anos, tem construído, ampliado e reformado escolas primárias e secundárias em países como Nicarágua, Peru, Bolívia e Guatemala, entre outros.

Agora, gostaria de fazer uma pergunta: advinhem quantas escolas o Japão tem ajudado a construir através da Ajuda Oficial ao Desenvolvimento(ODA) a partir de 1995 até o presente momento?

Trata-se de 1.960 escolas, com total de 7.861 salas de aula. Se somamos centros de capacitação profissional e estabelecimentos para deficientes ampliados e reformados, os números aumentam para 2.356 escolas e 8.964 salas de aula.

Individualmente, cada projeto não passa de cooperação pequena, mas, diante dessa quantidade acumulada de 2.356 e 8.964, fiquei realmente impressionado.

Agora, construir escolas é importante, mas mais importante é como você ensinar. Nessa hora, aparece em cena o pessoal da JICA (Agência de Cooperação Internacional do Japão).

Vamos ver o exemplo de Honduras, que é um dos países extremamente pobres.

De 1989 até 2002, um total de 58 professores japoneses de escolas primárias foram enviados àquele país como Jovens Voluntários para a Cooperação ao Exterior(JOCV), e capacitaram um total de 20 mil - e não 2 mil - professores para ensinar a matemática.

Isso se deve a um fato de que, nos países pobres da América Latina e

Caribe, não poucas crianças abandonam a escola primária devido à dificuldade em matemática. Os jovens voluntários, junto com os professores locais, criaram um método de ensino para que as crianças possam aprender a matemática divertindo.

Vou pular uma parte da estória, mas, ao final das contas, eles criaram um livro didático de matemática, e este foi adotado como o único livro didático oficial de matemática daquele país.

A partir de abril de 2006, a JICA está trabalhando para difundir esse livro elaborado em Honduras nos países que falam o espanhol como Guatemala, El Salvador, Nicarágua e a República Dominicana.

Fechem seus olhos por um segundo, e imaginem como esse livro de fácil entendimento, elaborado por professores japoneses, passa de mão em mão entre crianças.

Tendo esse antecedente, chegou em Honduras a história das "Cem Sacas de Arroz" (Kome Hyappyo).

Existe uma história conhecida como as "Cem Sacas de Arroz" do Senhor Feudal de Echigo Nagaoka. Este senhor ao ser derrotado na Guerra de Boshin, recebe cem sacas de arroz para aliviar sua penúria. Esta história relata a audácia de um samurai que, em vez de aliviar momentaneamente a fome com esse arroz, decidiu suportá-la e vender o arroz para arrecadar fundos para investir na educação dos jovens. Com certeza, devem lembrar-se que o ex-Primeiro Ministro Koizumi tem mencionado essa história em seus discursos.

Esta história foi adaptada para uma peça teatral por um grupo de teatro hondurenho, e foi apresentada somente com atores locais, causando uma grande comoção na platéia, com os atores e o público derramando lágrimas juntos.

Nessa história, existem outros episódios interessantes tais como o script em inglês traduzido por Donald Keene foi convertido em espanhol pela então Ministra de Cultura, a participação ativa do embaixador do Japão nessa história, a peça foi apreciada por Sua Alteza Princesa Norinomiya, assim por diante. Se continuar falando sobre esses episódios, este discurso não vai terminar.

De qualquer maneira, a história do Japão que trata a educação como a base de uma nação tocou os corações dos hondurenhos. Isso foi em 2003, quando o projeto de matemática estava chegando ao seu apogeu.

O "DOJO" que Fortaleceu a Boa Vontade dos Japoneses

O comércio exterior do Japão com Honduras é de apenas 16 bilhões de ienes. No entanto, na minha opinião, Honduras é um país com o qual devemos ficar gratos.

Em 1998, o maior desastre natural atacou Honduras. Trata-se do enorme furacão chamado Mitch. Nesse país com pouco menos de 7,4 milhões de população, morreram 7.007 pessoas, e o número total de vítimas alcançou mais de 610 mil.

Naquela ocasião, o Japão enviou as Forças de Auto-Defesa. Seis aviões de transporte C-130 cruzaram o Oceano Pacífico levando os materiais de ajuda humanitária. Além disso, 80 membros da Força de Auto-Defesa Terrestre do Japão, incluindo 7 médicos, prestaram seus serviços no local. Isso é algo natural hoje em dia, mas, aquela ocasião foi a primeira vez na história que o Japão enviou as Forças de Auto-Defesa para prestar assistência médica emergencial no exterior.

Os hondurenhos manifestaram seu profundo agradecimento para o gesto do Japão. Passaram 10 anos desde o envio das Forças de Auto-Defesa, quando o nosso embaixador foi condecorado pelo governo hondurenho, ao terminar suas funções diplomáticas naquele país, ele fez um discurso no Congresso Nacional Hondurenho. Quando referiu-se ao Furacão Mitch, foi ovacionado pelos parlamentares hondurenhos que aclamavam dizendo "Viva o Japão!". Os gritos e os aplausos dos parlamentares tomaram conta do plenário.

Penso que Honduras tem sido um "dojo ou um lugar de aprendizagem de boa vontade". Quero dizer que foi um lugar e um "dojo" onde japoneses anônimos trabalharam com boa vontade, aprimorando-a. Nesse sentido, Honduras merece nossa gratidão.

Não Desperdiçaremos o "Patrimônio Latente de Boa Vontade"

Certamente, me pergunto por que a empresa japonesa Tadano da cidade de Takamatsu, da Província de Kagawa, tem levado seu guindaste para a Ilha de Páscoa em Chile para colocar em pé novamente aquelas enormes estátuas chamadas "moai"?

Kingston, a capital de Jamaica, localizada no mar do Caribe, não é um lugar que conta com a boa segurança pública. Então, por que um ex-voluntário da JICA, chamado Yasunori Ishimoto, está ensinando há 10 anos barra fixa, argolas e ginástica para crianças?

Além disso, não sabemos por que, mas os pesquisadores que estudaram com maior precisão os diversos sítios arqueológicos na América Latina e Caribe sempre foram japoneses.

Considero que a palavra chave que explica tudo isso é a boa vontade dos homens e mulheres japoneses, além de sua grande curiosidade.

Somando a isso, há o fato de que os descendentes de japoneses que são 1 milhão e 400 mil no Brasil, 80 mil no Peru, e mais de 1 milhão e 550 mil em toda América Latina, ganharam muito respeito.

Justamente, o próximo ano se celebra o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. Com a finalidade de celebrá-lo entre os dois países, tanto no setor público como privado, foi criado o Comitê Executivo do Ano do Intercâmbio Japão-Brasil, presidido por Sr. Shoei Utsuda, presidente da Empresa Mitsui Trading, e, graças aos esforços de muitas pessoas, a preparação está sendo bem encaminhada.

O lado brasileiro também está mostrando um grande entusiasmo, e penso que esse fato é fruto da confiança e respeito conquistado com grande esforço pelas pessoas de origem japonesa nesse país durante últimos cem anos.

Assim, podemos dizer que o nosso país tem nenhuma "dívida" com os países da América Latina e Caribe. Em vez disso, conquistamos a sua confiança e o sentimento de gratidão.

Em outras palavras, a América Latina e Caribe são outros nomes de uma região onde o nosso país vem acumulando um "patrimônio latente de boa vontade" sem esperar em troca alguma retribuição.

Considero que esta percepção deve servir de ponto de partida para a

diplomacia do nosso país com a América Latina e Caribe. Quer dizer, se não dermos a devida importância a este "patrimônio latente", não poderemos evitar a perda paulatina de seu valor. Isso seria um verdadeiro desperdício para a diplomacia japonesa.

Buscar o "Benefício Mútuo" em relação à Questão da Mudança Climática

Vamos focalizar novamente o nosso ponto de vista para a realidade. Aí está a principal tarefa para a região da América Latina e Caribe que atravessa por um processo de consolidação de democracia. Essa é uma tarefa difícil que consiste em reduzir a profunda desigualdade social existente entre os países da região e os habitantes de cada país, e criar uma sociedade mais justa e equitativa. Se não alcançarem esses objetivos, não será possível alcançar a estabilidade nem desenvolvimento sustentável do hemisfério ocidental.

Não precisamos nem dizer que isso seria um fator de risco para o Japão, pois, dependemos de diversos recursos naturais que América Latina e Caribe possuem, desde minério de ferro a metais raros, carne de frango congelado, suco de laranja, até soja.

Por esse motivo, é importante que o Japão dê melhor uso ao "patrimônio latente" que mencionei, e contribua para a consolidação da estabilidade de toda a América Latina e Caribe através da cooperação nas áreas de educação, tecnologia industrial, proteção ambiental, e prevenção de desastres, que são os pontos fortes do Japão.

Sabemos que não existem pessoas como as da América Latina e Caribe que aceitam nossa assistência com tamanha gratidão. Creio que, por causa disso, os latinoamericanos sempre nos dão seu apoio quando o Japão exerce sua atividade diplomática na comunidade internacional. Nesse sentido, podemos dizer que isso torna o Japão e a América Latina e Caribe em parceiros no cenário internacional.

Quando o Primeiro Ministro Shinzo Abe anunciou em maio deste ano a proposta chamada "Cool Earth 50", o primeiro país que a apoiou prontamente e assinou com o Japão um documento sobre o meio

ambiente e a mudança climática foi um país chamado Guiana, que fica na região do Caribe.

Tenho certeza de que, entre os países da América Latina e Caribe que contam com a natureza exuberante como o Mar do Caribe, Amazonas e Andes, entre outros, e o Japão, rico em belezas naturais com águas cristalinas, existem muitas coisas que possam ser feitas para combater o problema da mudança climática.

Falei que o Japão e a América Latina e Caribe têm ingressado numa era na qual podem tratar sobre os benefícios mútuos. Nesse sentido, considero que os temas sobre mudança climática e meio ambiente são úteis para que ambas partes possam aprofundar seus laços como parceiros no âmbito internacional, com vista para o "benefício mútuo".

O Legado da "Escola de USIMINAS"

Para finalizar, quero falar sobre Usiminas(Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A.). É um assunto que não deixa de gerar certa nostalgia especial para as pessoas da minha geração.

Trata-se de um projeto nacional que poderia ser considerado como um monumento para o Japão pós-guerra. Participaram um grande número de personalidades do setor econômico como Taizo Ishizaka e Kogoro Uemura da Keidanren(Federação de Grupos Econômicos do Japão), criando uma empresa siderúrgica de grande envergadura no Brasil, com o envolvimento de todas as empresas japonesas do setor, inclusive Yawata e Fuji Iron & Steels.

Os tempos mudaram, e atualmente, estamos diante de um mundo dominado pela tormenta de M&A(fusão e aquisição de empresas). A Nippon Steel tem sido superada pela empresa indiana Mittal em termos de valor agregado no mercado, e na pior hipótese, poderá ser o alvo de aquisição juntamente com sua tecnologia para produzir as chapas de aço de alta tensão utilizadas na fabricação de automóveis, reconhecida por todos como a melhor do mundo.

Nessa ocasião, em busca de seus objetivos que são o aumento do valor agregado no mercado, e a garantia da rota de suprimento para a indústria

automobilística da Europa e dos EUA, Akio Mimura, presidente da Nippon Steel tomou uma decisão: compartilhar a estratégia com a Usiminas do Brasil.

Esses são os fatos noticiados por jornais e televisão. No entanto, tenho certeza de que foi, mais uma vez, resultado do "patrimônio latente" que a Nippon Steel e a Usiminas têm cultivado ao longo dos anos.

Há uma pista para entender isso. A Usiminas, que acendeu seu primeiro forno alto em 1962, foi chamada como a "Escola de Usiminas" .

Segundo os relatos colhidos por um professor da Universidade de Kansai, entre os engenheiros japoneses, que conhecem aquela época, tem uma pessoa que disse assim:

"Ouvi várias vezes no Brasil que tanto os Estados Unidos como muitos outros países têm transferido um grande número de tecnologia, mas, ao final das contas, não sobrou nada. Agora, os japoneses, que permaneceram durante um longo período, permitiram desenvolver nossa própria tecnologia".

Deve ter sobrado um pouco de tecnologia americana também, mas, ao escutar esse comentário, pude imaginar engenheiros japoneses, molhados de suor, trabalhando junto com engenheiros brasileiros.

A atividade siderúrgica é a acumulação de "know how" para administrar uma usina, e os engenheiros japoneses da Yawata e Fuji Steels que foram enviados para o distante Brasil não pouparam esforços para transferir tecnologia, pensando somente em favorecer o Brasil. Por isso, para os olhos dos brasileiros, esse lugar foi visto como uma escola, algo mais que uma usina siderúrgica.

Imagino que, em Usiminas, foi criada uma história que passa de uma geração para outra.

Por isso, quando a Nippon Steel temia a ameaça de aquisição hostil, a mente do presidente Mimura deve ter revivido essa história de boa vontade sobre os esforços de seus antecessores, e a alegria dos engenheiros brasileiros. Creio que não estaria cometendo um equívoco ao afirmar que o Sr. Mimura viu o "patrimônio latente de boa vontade". O que é que senhores acham disso?

América Latina e Caribe são Importantes Sócios em Vários Sentidos

O Sr. Mimura, presidente da Nippon Steel, parece que quer transformar a Usiminas em uma das empresas siderúrgicas mais importantes e competitivas do mundo, transferindo-lhe as tecnologias mais avançadas da Nippon Steel. Quando o Sr. Mimura viajou ao Brasil e transmitiu pessoalmente ao Presidente Lula sobre o seu projeto, o Presidente respondeu: "fiquei muito emocionado pela confiança depositada no Brasil ao fazer novos investimentos".

Uma das missões da nossa diplomacia na América Latina e Caribe é criar juntamente com os senhores essas histórias gratificantes. Por isso, peço para usar os serviços do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Vou colocar à disposição dos senhores os excelentes profissionais da língua espanhola e portuguesa.

Lamentavelmente, o tempo esgotou. Hoje, falei sobre três pontos no início da exposição: o fortalecimento das relações econômicas, o apoio ao esforço para resolver as questões regionais como pobreza e desigualdade social, e o esforço conjunto para solucionar as questões que afetam a comunidade internacional.

Trata-se de questões óbvias. Creio que os senhores devem ter compreendido que cada um desses três temas tem fundamento nos longos relacionamentos entre o Japão e a América Latina e Caribe.

Ao recuperar as lembranças da minha juventude, e refletir sobre a América Latina e Caribe sob uma nova ótica, percebi novamente que é um lugar extremamente interessante. Estou seguro de que os senhores também tiveram a mesma impressão. Creio que a América Latina e Caribe são realmente uns parceiros importantes para o Japão em vários sentidos.